

RESENHA

Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando

Josceline Lira Graduanda em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
liraxl.joy@gmail.com

Cíntia dos Santos Carneiro Graduanda em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
cintiadasantos@gmail.com

André Felipe de Albuquerque Fell Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). highland97@hotmail.com

1 REFERÊNCIA

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

2 CREDENCIAIS DO AUTOR

Andrew Keen é um renomado palestrante que percorre o mundo e autor de livros de sucesso mundial como *Cult of the Amateur*, *Digital Vertigo* e *The Internet Is Not The Answer*. Keen é conhecido por seu discurso recorrente que realça as controvérsias da revolução digital, as quais o autor conhece de perto, já que ele é diretor executivo da seção de inovação do Vale do Silício – polo industrial situado na Califórnia (Estados Unidos) que concentra empresas de tecnologia da informação, computação etc.

3 RESUMO

No livro *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*, de Andrew Keen, o tema central é as redes sociais, as quais as pessoas se conectam e conseguem se comunicar de maneira muito fácil e rápida com outras pessoas de todos os lugares do mundo. Porém, este livro questiona se as redes sociais estão ocasionando apenas impactos positivos como é comumente propagandeado; uma vez que o tempo excessivo de permanência nas plataformas das redes sociais acarreta algum impacto negativo nos usuários, ou seja, constata-se que as redes sociais estão afetando a essência do ser humano (quanto à autonomia, liberdade, consciência, personalidade, individualidade). Nesse livro de Keen (2012), é mostrado que as redes sociais, quando utilizadas sem as devidas precauções, podem ser bastante deletérias. Por isto, o autor faz o alerta de riscos à verdadeira intenção do social da era digital.

Uma das acepções para a palavra vertigem no dicionário diz que esta se refere ao “estado mórbido em que a pessoa tem a impressão de que tudo lhe gira em torno, ou de que ele próprio está girando; tontura, tonteira” (FERREIRA, 1993, p. 565), portanto, o termo vertigem digital diz respeito à sensação de desorientação, resultante das ininterruptas notificações/atualizações de novidades informacionais em tempo real das redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Então, entende-se o motivo de as redes sociais estarem desorientando as pessoas, pois tal ambiente vertiginoso – “que gira muito rápido; que perturba a razão ou a serenidade” (FERREIRA, 1993, p. 565) – rouba a atenção do indivíduo, seu poder de concentração, deixando-o incapaz de efetivamente fazer uso de seu poder intelectual diante de atraentes e fáceis ferramentas tecnológicas que se aproveitam (principalmente financeiramente) deste estado de vulnerabilidade.

Além disso, a discussão do livro de Keen (2012) traz três ideias centrais que podem ser intituladas de 1) **aspectos sociais da internet**, 2) **a perda da privacidade** e 3) **aproximações entre o panóptico e as redes sociais**.

Na discussão pertinente aos aspectos sociais da internet, Keen (2012, p. 27), no capítulo introdutório, é taxativo ao esclarecer que seu “livro é mais que apenas um manifesto antissocial”. Esta afirmação pode causar estranheza à primeira vista, porém, com o andamento da discussão sobre o viés social que Keen (2012) está se referindo, esta assertiva torna-se compreensível e defensável, pois a preocupação predominante do autor é com a essência do ser humano (quanto à autonomia, liberdade, consciência, personalidade, individualidade) e para quem a internet tem-se constituído um meio destruidor dessa essência, através das redes sociais/mídias sociais.

Como mencionado, o elemento na internet analisado por Keen (2012) é formado pelas redes sociais, as quais têm a pretensão de anular o verdadeiro social, aqui se apresentando relacionado à sociedade (segundo o dicionário, sociedade é o meio humano em que o indivíduo está integrado), ou relativo a ela, ocasionando a divisão entre as pessoas, a sua diminuição e a sua desorientação.

Ocorre que as redes sociais/mídias sociais criam um ambiente no qual as pessoas têm a impressão de que nunca estão sozinhas, que podem se comunicar à vontade com as outras, independentemente de estarem em continentes diferentes e que serão ouvidas, apoiadas, admiradas entre outras promessas de integração social. Deste discurso das mídias sociais de nunca ficar sozinho, de prometer anular a solidão do ser humano (necessária às vezes, porém um tanto assustadora); surge a preocupação de Keen (2012) quanto à aquiescência quase automática das pessoas a esta falsa ideia de social disseminada pelas redes sociais e, ao adentrarem nesse ambiente informacional, as pessoas transferem-se totalmente para outro lugar além de seus ‘eus’, de modo a serem mais um nas plataformas de mídia social nas quais a agitação, o burburinho, a novidade têm presença constante, ininterrupta e quase obrigatória.

Todavia, há que se observar que o verdadeiro agrupamento social, a sociedade, é um meio intrinsecamente humano. Ocorre que as redes sociais são invenção de empresas *start-ups* que impulsionam as pessoas a se transportarem para um lugar além do mundo físico e figurarem outras vidas (com outras atitudes, sempre se reafirmando). E assim, Keen (2012) alerta para o processo de autodestruição coletiva por trás da ideia de social, ocasionada por este agrupamento de pessoas que negligencia o componente humano em favor da ferramenta de tecnologia mídia social/rede social que promete criar ambientes em que se vislumbra uma liberdade às amarras sociais, transportando as pessoas através de perfis virtuais para este mundo novo. Estas se sentem tão livres que voluntariamente despejam diariamente dados e informações sobre suas vidas na rede – nas postagens, respondendo formulários eletrônicos, curtindo publicações etc. A partir da disponibilização das suas informações em meios digitais, as pessoas acabam se tornando visíveis e acessíveis também ao quê e a quem desconhecem.

Entre os muitos teóricos reverberados no discurso de Keen (2012) para fundamentar as observações sociológicas dos aspectos (nada) sociais das mídias sociais está Sherry Turkle, autora do livro *Sós juntos*, de 2011. Turkle (2011, apud KEEN, 2012), enquanto professora do Massachusetts Institute of Technology (MIT) orientou uma pesquisa durante quinze anos com trezentos usuários de redes sociais, identificando que a permanência excessiva nas plataformas de redes sociais está seriamente afetando as relações familiares/pessoais.

A conclusão de Sherry Turkle sobre o que ela chama de “família pós-familiar” sempre *on-line* de hoje é perturbadora [...]. “Seus integrantes estão só juntos em seus próprios quartos, cada um num computador ou aparelho móvel ligado em rede” [...]. “Entramos em rede porque estamos ocupados, mas acabamos passando mais tempo com a tecnologia e menos uns com os outros.” [...] Aqui, a noção de Sherry Turkle sobre a tecnologia como algo que se apresenta “arquitetando nossas intimidades” é tristemente pressagiosa. O problema de flertar no Facebook é que a criação de Mark Zuckerberg foi planejada como dormitório público, não como quarto particular (TURKLE, 2011, apud KEEN, 2012, p. 78-79).

A prática de o sujeito interagir presencialmente com pessoas está cada vez mais sendo enfraquecida, uma vez que as pessoas parecem abrir mão das conversas presenciais e preferem conversas virtuais (bate-papo) – as quais, na maioria das vezes, proporcionam superficialidade nos relacionamentos e os tornam menos duradouros e até mesmo facilmente dissimuláveis. Hoje em dia, é difícil presenciar um ambiente no qual não se encontre pessoas mexendo em seus *smartphones* ou em algum outro instrumento tecnológico, trocando mensagens virtuais, curtindo ou compartilhando fotos; deixando de lado, assim, a interação/comunicação presencial entre si. Atualmente, é bastante perceptível que as pessoas se veem divididas entre o mundo presencial e o mundo virtual.

Outro teórico apresentado na fundamentação teórica dos aspectos sociológicos das redes sociais é Dalton Conley, professor de Ciências Sociais na Universidade de Nova York, o qual tece comentários sobre o indivíduo que desempenha vários papéis simultâneos nas redes sociais (dividindo o ser e o desorientando), deixando de ser ele mesmo

para vagar pela rede respondendo aos estímulos incessantes da internet, dando-lhe a ilusão de ser ativo protagonista da sua vida virtual, mas que não passa, muitas vezes, de uma peça/peão do jogo.

Ele descreve as pessoas de nossa era digital como “intraduíveis” – almas fragmentadas sempre apanhadas entre identidades, com “múltiplos eus brigando por atenção dentro de sua própria cabeça, ao mesmo tempo que externamente são bombardeados por inúmeros estímulos simultaneamente” (CONLEY, 2009, apud KEEN, 2012, p. 80).

Sobre esse aspecto de divisão e desorientação do ser nas redes sociais, Keen (2012) também buscou fundamentação na neurociência, através de Susan Greenfield, da Universidade de Oxford. Há, por parte desta neurocientista, a preocupação com os efeitos no cérebro da excessiva exposição e atuação nas redes sociais que reclamam a insistente atualização/postagem nos perfis virtuais e quanto aos inúmeros estímulos visuais (telas piscantes, anúncios flutuantes) e sonoros (alarmes de chegada de mensagens) que competem para receber a atenção do usuário. Por conseguinte, é alta a probabilidade de, sem conseguir efetivamente se concentrar, o usuário apenas “passe a vista” nos conteúdos, obedecendo aos comandos que receber naquele ambiente, atendo-se apenas ao aqui e agora ao fazer com que o cérebro diminua sua capacidade mental. Keen (2012) explica que:

[...] redes de mídia social como Facebook e Twitter, com seus 140 caracteres, reduzem nosso intervalo de atenção e fragmentam nossos cérebros com suas atualizações incessantes e a necessidade contínua de reafirmar nossa existência on-line. “Sabemos como os bebês pequenos precisam da reafirmação constante de que existem”, explica a professora Susan Greenfield, [...]. “Meu medo é que essas tecnologias estejam infantilizando o cérebro até o estado de uma criança pequena, atraída por barulhos e luzes brilhantes, que tem um intervalo de atenção diminuto e vive apenas aquele momento.” (KEEN, 2012, p. 80-81).

Decerto, as redes sociais têm causado a diminuição do indivíduo quanto à sua capacidade de argumentação, de se posicionar de forma crítica e fundamentada (pela impossibilidade de adquirir conhecimento no ambiente da internet que impede a concentração, por exemplo). Essa problemática se agrava cada vez mais na sociedade contribuindo para a alienação do ser humano e reduzindo sua capacidade de reflexão.

Keen (2012) chega à conclusão de que as redes sociais não são tão sociais, elas estão afastando as pessoas, tornando-as competidoras entre si, arrancando a livre escolha e anulando a personalidade (única em cada indivíduo) e, finalmente, o autor revela o que está por trás dessa nova onda do social: os lucros financeiros. Sim, o social, nesse caso, é apenas a nova onda de negócios, apresentada por Keen (2012) como a Economia Social, na qual as informações pessoais (soltas/lançadas na rede) configuram a nova classe de ativos.

A integração de nossas informações pessoais – rebatizada pelos marqueteiros da mídia social como nosso “gráfico social” – no conteúdo *on-line* é o principal motor da inovação da internet na era da Web 3.0 [...]. Ao permitir que nossos milhares de “amigos” saibam o que fazemos, pensamos, lemos, vemos e compramos, os produtos e serviços da web fortalecem nossa era hipervisível de grande exibicionismo. Assim, não espanta que o Fórum Econômico Mundial descreva as informações pessoais como uma “nova classe de ativos” da economia global (KEEN, 2012, p. 42).

Assim, a vida das pessoas, na forma de informações pessoais, é acessada pelas redes que tanto estimam, sendo repassada para empresas diversas como catálogos de compradores potenciais organizados em categorias extremamente bem delimitadas. E a tendência é o aumento exponencial desta invasão/vigilância, já que “a eficácia do marketing online cai quando o rastreamento é regulado” (KEEN, 2012, p. 90). A garimpagem pelas informações dos usuários explora tudo e não apenas o que é lançado por puro exibicionismo; também as que atendem à solicitação de preencher formulários, cadastrar-se em serviços etc. Daí, a busca pelo lucro para as empresas começa a ameaçar a privacidade dos usuários das mídias sociais e a maioria das empresas inescrupulosas passa a pôr os lucros, a qualquer custo, em primeiro lugar.

A internet sabe o que as pessoas pensam/querem e ao lançar mão desta informação e trocá-la pelos altos investimentos publicitários tentadores para os empresários por trás das mídias sociais, basta usar o conhecimento que estes têm sobre o que as pessoas estão pensando e criar a ponte para onde encontrar o que se está pensando – com destaque para a possibilidade de aquecer as engrenagens do consumo. Este é um ponto forte na discussão desenvolvida por Keen (2012); esta lógica no modo de produção capitalista a qual as redes sociais tornam-se um ótimo mecanismo para a sua realização.

Diante do que foi exposto até aqui, a intenção de Keen (2012) ao desenvolver a discussão sobre os aspectos sociais da internet é a de promover um alerta para essa nova onda do falso social que coloca “em risco o precioso direito à privacidade individual, ao segredo e, sim, à liberdade que os indivíduos conquistaram no último milênio. [...] Esse é o medo, o alerta de fracasso e autodestruição coletiva em Vertigem digital.” (KEEN, 2012, p. 26).

Na condução da discussão dos aspectos sociais da internet já está imbuída outra questão central do livro: a perda da privacidade, porém, é interessante acrescentar alguns outros argumentos que Keen (2012) apresenta ao discutir este tema que tem relação direta com a arquitetura aberta das redes sociais e a transparência – que permitem que as informações sejam facilmente compartilhadas/acessadas. E assim, as pessoas passam a sofrer problemas oriundos desta

exposição excessiva que disponibiliza os rastros/as pegadas digitais e atraem a vigilância das empresas, de pessoas mal-intencionadas – pois “todos podem se tornar agentes num mundo sem segredos pessoais” (KEEN, 2012, p. 38).

Então, Keen (2012) discute sobre a questão da armadilha de todos estarem hipervisíveis (com suas informações disponíveis e acessíveis a todos) na era digital. O autor preocupa-se com o destino da sociedade quando esta estiver totalmente interligada em uma rede transparente de compartilhamento (como as redes sociais), onde não existirá segredo, pois cada vez mais a sociedade se expõe por meio de mídias sociais e esta intensidade de compartilhamento de suas vidas pessoais acarretará provavelmente, no tempo futuro, exposição (e risco) de suas vidas para o mundo.

Keen (2012) diz que a sua preocupação com a privacidade inclui problemas referentes a todos estarem transparente (sem segredos e sem solidão – e mal acompanhados), a tudo estar conectado e às implicações humanas. No trecho a seguir, o autor comenta o que esta ideia central reivindica através do livro:

uma defesa do mistério e do segredo da existência individual. É um lembrete sobre o direito a [sic] privacidade, autonomia e solidão [...]. Um discurso contra o compartilhamento e a abertura radicais, a transparência pessoal, o grande exibicionismo e as outras ortodoxias comunitárias devotas de nossa época conectada. (KEEN, 2012, p. 26-27).

Já se sabe que nas entrelinhas do canto de sereia das mídias sociais, que oferecem um ambiente maravilhoso gratuitamente, estão os contratos que estas mídias fazem com os anunciantes, pois elas ofertam as informações pessoais dos usuários para os anunciantes em troca de altos rendimentos econômicos, Keen (2012) comenta que o mercado publicitário/de anúncios investe 26 bilhões de dólares anuais no rastreamento de informações pessoais disponíveis na internet – e estes lucram significativamente com a reunião de um *target* certo. O incentivo econômico é tão forte que impede qualquer intenção dos empresários de preservarem a privacidade dos usuários.

Keen (2012) indica uma opção para escapar dos danos da transparência na internet: a de “não permitir” e evitar o “ok”, mas não é o incentivo que as redes sociais dão. A ilusão de eliminar a solidão é tentadora e obscurece o que realmente quer dizer, que é “você nunca mais terá privacidade”. E este estar sempre visível/vigiado corrobora na diminuição das pessoas enquanto seres livres e autônomos. Segundo Keen (2012), o direito de ficar sozinho quando se queira é essencial para que o ser humano mantenha-se ele mesmo, mantendo a sua essência e ficando longe da agitação desnorteadora, da ditadura do anular o ser para pertencer/agradar os outros etc.

Em todo o livro *Vertigem digital* há nítida e recorrente analogia entre o panóptico ou casa de inspeção idealizada pelo filósofo utilitarista Jeremy Bentham e a arquitetura das redes sociais, tendo como exemplo mais enfatizado o Facebook de Mark Zuckerberg, ou seja, para Keen (2012), há **aproximações entre o panóptico e as redes sociais**.

Em 1787, Jeremy Bentham elaborou um projeto de arquitetura com intenção de otimizar a administração de prisões, hospitais, escolas e fábricas em prol de toda a sociedade. Tratava-se do panóptico ou casa de inspeção, que nas palavras de Keen (2012, p. 29) é

como uma rede física, um prédio circular de pequenos aposentos, todos transparentes e totalmente conectados, nos quais os indivíduos podiam ser supervisionados por um inspetor que tudo via. Esse inspetor é a versão utilitarista de um deus onisciente – sempre ligado, informado de tudo, com a afortunada capacidade de olhar atrás de esquinas e através de paredes.

Bentham julgava que fazer com que as pessoas ficassem totalmente expostas/transparentes sem ter muita noção de quando e quem estava as vigiando tornaria as pessoas mais disciplinadas. Para ele, a ideia era perfeita e deveria atingir a todos, “de prisioneiros conectados a operários conectados, passando por estudantes conectados e cidadãos conectados – pudessem ser inspecionados ‘a cada instante do tempo’” (KEEN, 2012, p. 29).

Segundo Keen (2012), a arquitetura pensada por Bentham teve uma releitura (não idêntica) agora na era digital: a arquitetura das redes sociais. No Facebook, exemplo mais utilizado por Keen (2012), a nova casa de inspeção em vez de ser uma rede física passa a ser digital/virtual (quase imperceptível) e os vigiados são os usuários representados por suas páginas de perfis virtuais (a releitura dos aposentos também transparentes e conectados) que reúnem o histórico das suas vidas transparentes/acessíveis a todos. A figura do inspetor onipresente (e onisciente) também está lá rastreando e reunindo as informações pessoais em gráficos de tendências, preferências etc.

Baseado no discurso de Keen (2012), o panóptico mexe com a estrutura natural da sociedade, aprisionando e remodelando o indivíduo. Por sua vez, o Facebook também está afetando a essência do indivíduo, aprisionando-o, ditando como ele deve agir, o que deve fazer, forçando-o a substituir as relações verdadeiramente sociais por uma atuação de figurante no palco além do mundo físico, fazendo com que ele esqueça sua sociabilidade e, definitivamente, não está fazendo as pessoas desfrutarem dos seus melhores sentimentos.

Por fim, entende-se a expressão antissocial que Keen (2012) fundamentou ao revelar a proposta do seu livro desenvolvida no início desta resenha. Ao contextualizar/fundamentar/sustentar esta sua aversão pela onda do social da

era digital, Keen (2012) recorreu ao histórico de conversas com os grandes magnatas das redes sociais, estudiosos do assunto, escritores, psicólogos, sociólogos, neurocientistas, entre outros; porém, também se preocupou em explicar, principalmente sob a luz da teoria de John Stuart Mill, crítico de Bentham, o motivo de o panóptico ou de sua nova versão (as redes sociais) comprometerem a autonomia, a liberdade, a livre escolha do indivíduo e, por conseguinte, estes projetos, em essência, não têm nada de social, já que desvalorizam a unidade da sociedade: o ser humano.

Mill (1969, apud KEEN, 2012, p. 201) argumentava que “permanecer humanos exigia que algumas vezes nos desconectássemos da sociedade, para continuarmos privados, autônomos e secretos”. Então, as redes sociais com o seu movimento e barulho incessantes que quase obrigam a permanência exclusiva do usuário diante de suas telas estão realmente tornando as pessoas menos humanas. Estas estão sempre ocupadas em conseguir um espaço em meio a tantas outras pessoas, que quase nunca deixam espaço para o silêncio, para a reflexão que é a força motriz do pensar e do agir por si mesmo.

4 APRECIÇÃO CRÍTICA DO RESENHISTA

As redes sociais atraem as pessoas pela facilidade de comunicação com toda e qualquer pessoa do mundo e também abre possibilidades para as pessoas serem notadas. Acontece que elas estão desorientando os indivíduos para encantá-los com as promessas de fama/visibilidade, de integração social, de fim da solidão e, quando fisgados pela rede, são submetidos constantemente ao alto fluxo de informações que transbordam nas notificações/atualizações que reclamam à checagem imediata, deixando-os desorientados com tanto movimento e tantas coisas para fazer “tudo ao mesmo tempo, agora”.

Esta distração é uma armadilha para que o indivíduo permaneça vazio, porém, ocupado, pois quando sozinho, em silêncio e concentrado, a consciência é ativada, então as redes sociais evitam a calma orientadora e jogam seus usuários de cá para lá e de lá para cá, incessantemente para lhes desorientar. E eles caem na armadilha, seguindo a agitação e sobrevivendo com a audiência e conselho/opinião dos outros seguidores/amigos virtuais e com as dádivas do comércio fomentado pela exposição (os produtos que são ofertados magicamente e que realizam os desejos).

Esta desorientação pode ser explicada pela incapacidade natural de o indivíduo se concentrar quando exposto a tantos estímulos (visuais e sonoros) simultaneamente, o que não permite que ele se atente ao que está fazendo e, como a atenção é essencial para que a mente entenda/pense, surfe pela rede digital e execute todos os comandos que esta lhe impor (CARR, 2011).

Todavia, a revolução do social traz o falso rótulo de social que a internet está engajando e que coloca em risco o precioso direito à privacidade individual, à liberdade dos indivíduos. O alerta de perigo à verdadeira intenção do social da era digital feito por Keen (2012) tem aproximações com a angústia de Nicholas Carr no livro ‘A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros’, pois este autor mostra os danos que a internet pode causar à saúde mental, fundamental para o ser pensante, e Keen (2012) preocupa-se com a essência do ser humano – sua emancipação, liberdade, privacidade. Carr (2011) constata que a internet pode mudar o funcionamento do cérebro, tornando-o dependente dela, fazendo com que os hábitos constantemente repetidos (por exemplo, usar os mecanismos de busca *on-line* para acessar conteúdos em vez de adquirir conhecimento sobre estes) enfraqueçam o intelecto. Carr (2011) diz que a internet está roubando nossa atenção e com o discurso de Keen (2012) entende-se para quê: lucrar em cima de pessoas catalogadas, que desorientadas atendem às solicitações de se tornarem transparentes.

As redes sociais estão diminuindo os indivíduos na medida em que, ao serem empurrados nas páginas inesgotáveis das mídias sociais e estarem expostos a tantos estímulos simultaneamente, a superficialidade característica dos ambientes *on-line* acomodam as pessoas a não utilizarem sua capacidade de posicionamento crítico, de refletirem sobre os conteúdos com os quais se deparam, de pensarem; apenas são empurrados a agirem de maneira previsível e homogênea.

Quanto ao efeito de dividir o indivíduo, lamenta-se a substituição da interação social/física entre as pessoas – através de conversas face a face, encontros pessoais – pelo encontro virtual como uma conversa através do espaço para mensagens na página do Facebook, por exemplo. Esta superficialidade é uma consequência do uso exagerado desses instrumentos tecnológicos. Neste ponto, também se inserem a condição tênue dos relacionamentos e a falta de preparo da arquitetura simples das redes sociais que são incapazes de administrar os recorrentes embates entre os usuários. As pessoas estão afrouxando os laços com as outras nesses ambientes virtuais intitulados erroneamente de sociais. Como comentou Carr (2011), a sociedade está sendo vítima de instrumentos comunicacionais que estão fazendo com que as pessoas não se aprofundem nas suas ações rotineiras, seja em relação a uma simples conversa ou na concentração na leitura de um texto.

Ademais, a excessiva visibilidade realmente traz consequências maléficas para a vida das pessoas (que deveria ser) privada. O incentivo para que as pessoas se exponham na internet ao compartilhar cada passo que dão e, assim, tornarem-se transparentes para o mundo é também perigosa para a segurança/integridade moral e física. E, como já comentado, o projeto social que na verdade prima o viés tecnológico (e econômico) do Vale do Silício não está preparado (talvez nem esteja preocupado) com os danos que afetam à vida real de seus usuários.

A mensagem orientadora que Keen (2012) deixa a seus leitores é a de que tenham o cuidado para não se perderem nessa ditadura do deixar de ser para pertencer. Não há problema algum em prezar pela privacidade, não querer se mostrar/se revelar para o mundo, resguardando sua individualidade, sua autonomia, da cultura do mais um, de todos iguais aos outros. As redes sociais quando utilizadas sem criticidade são sim uma ameaça à raça humana (e pensante).

REFERÊNCIAS

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.